

| Recebido: 02 Mai. 2025 | Aceito: 24 Jun. 2025 | Publicado: 11 Jul. 2025 |

Mergulho nos Poros, de Maria Luísa Ribeiro: uma perspectiva geoliterária bachelardiana

Mergulho nos Poros from Maria Luísa Ribeiro: a bachelardian's geoliterary perspective

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo¹



<https://orcid.org/0000-0003-4238-0139>

Resumo

Este texto tem como objetivo propor uma análise geopoética da obra *Mergulho nos Poros*, de Maria Luísa Ribeiro, fundamentada principalmente nas contribuições topoanalíticas de Gaston Bachelard. O filósofo francês trabalha os quatro elementos – água, fogo, terra e ar – em uma perspectiva ôntico-ontológica e existencial-fenomenológica do imaginário que permite uma dialogia das camadas de sentidos possíveis dos versos de Ribeiro. Os quatro elementos são utilizados como ponto de partida e de chegada para a construção de uma ponte teórica e metodológica em direção a uma abordagem geopoética e topoanalítica da obra *Mergulho nos Poros*, visando contribuir epistemologicamente e ontologicamente para perspectivas geoarteliterárias.

Palavras-chave: Maria Luísa Ribeiro; *Mergulho nos Poros*; Gaston Bachelard; Fenomenologia; Geoliteratura.

Abstract

This text aims to propose a geopoetic analysis of the work *Mergulho nos poros* (Dive into the pores), by the author Maria Luísa Ribeiro, based mainly on Gaston Bachelard's topoanalytical contributions. The four elements worked by the French philosopher in an ontic-ontological and existential-phenomenological perspective of the imaginary allows a dialog of the layers of possible meanings of Ribeiro's verses. The four elements, water, fire, earth and air are used as a starting and arrival point for this theoretical and methodological bridge to a geopoetic and topoanalytic of *Mergulho nos Poros*, carried out in this study, with a view to the epistemic-ontological contribution to geoarteliterary perspectives.

Keywords: Maria Luísa Ribeiro; Dive in the Pores; Gaston Bachelard; Phenomenology; Geoliterature.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo, Professor e Pesquisador Permanente do Programa Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília, gcca99@gmail.com.

Efemérides do íntimo geográfico

A geografia íntima comporta o desejo e a volúpia; a casa em seus sótãos e porões; a pulsão e o corpo; o dizer ininterrupto e o calar-se repentino; o resguardo do símbolo e a busca pela alteridade de si para com o mesmo perdido; a face alquebrada; o aconchego da casa e dos entes mais próximos, em presença ou memória.

Na escala mínima do corpo, da (in)consciência e do cotidiano, nos (des)encontramos com a intimidade, a libido, o desejo e a sexualidade – com intenções e tabus, encorajamentos e inseguranças –, mas esses encontros não se esgotam nem se limitam a essas dimensões. Há também medos, aspirações, sonhos, lembranças, marcas, vivências, experiências e alteridades em lugares e paisagens diversas, formados por camadas justa, sobre e interpostas de significações complexas, individuais e coletivas.

Ir além dessa superfície é sempre digno de referência por sua complexidade. A psicanálise o faz, em partes; a fenomenologia possui explorações nesse campo; os estudos do imaginário e semiologia também realizam questionamentos e reflexões nesse sentido, dentre outros saberes e proposições que caminham na direção de um embrenhar-se nos caminhos do íntimo que nos esvazia e nos preenche de significações.

Pensar a imagem na perspectiva fenomenológica é buscar sua compreensão como representação, no sentido do fenômeno por ele mesmo. Em outras palavras, trata-se do devir do existir em suas expressões de sentido, significações múltiplas e móveis que nos (des)velam no lugar e no instante, na fala e no silêncio, no corpo e na paisagem, na coletividade e na individualidade.

A escolha por Gaston Bachelard surgiu como um caminho a ser trilhado na análise da obra de Maria Luísa Ribeiro. Em seus quatro elementos, o autor nos dá pistas e abre possibilidades para desenvolvemos reflexões, inquirições, questionamentos e algumas (in)compreensões sobre os versos da autora goiana. Nesses termos, encontraremos na junção de Bachelard e Ribeiro o socialmente multifacetado e naturalmente enigmático ser do fogo, a intrínseca metamorfose aquática onto-ontológica, a proficuidade representativa e associativa do objeto terrestre e as desafiantes semioses representativas dos vetoriais aéreos.

O presente estudo se divide nos quatro elementos naturais: fogo, água, ar e terra. Cada um desses elementos é trabalhado do ponto de vista da geografia íntima de Maria Luísa Ribeiro em sua obra *Mergulho nos Poros* e das contribuições teóricas da fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard. Entre Maria Luísa Ribeiro e Bachelard são tecidas pontes de conexão, interligando o poético ao elucubrativo, a expressão conotativa e a aspiração de decifrações denotativas, para que assim possamos apresentar alguns caminhos de interpretação e reflexão sobre a obra da autora goiana.

Geopoética e topoanálise, caminhos bachelardianos

A fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard é o principal ponto de sustentação para a breve análise aqui apresentada (Bachelard, 1972; 1988; 1989; 1990a; 1990b; 1991; 2001; 2008). O filósofo francês elegeu os quatro elementos clássicos da filosofia pré-socrática de Empédocles para compor suas reflexões sobre o imaginário. Há, além dessas quatro referências simbólicas, a espacialidade, a corporeidade e a fenomenologia do imaginário como aportes de suas proposições.

Bachelard parte do ser e nos apresenta como ele chega em situação. Em outros termos, o (des)velamento da essência e dos estares do existir propostos pelo autor estão presentes em sua obra como projeções do devir entre o eu, o outro e o mundo, tanto interna quanto externamente, por meio das sensações, percepções e emoções. Essa proximidade com o vivido, com o cotidiano, com a profundidade interior e com a expansividade voltada às paisagens e aos lugares também se manifesta em diferentes autores do pensamento geográfico, como Dardel (2011), Gratão (2006), Berque (1998), Besse (2006), Silva e Carreto (2021) e Marandola e Oliveira (2009).

O espaço íntimo, na interpenetração do instante efêmero com o corpo e seu lugar de vivência e experiência – com o além-outro e o ser-no-mundo em seus múltiplos estares (Araújo, 2019; 2020; 2021) – constitui o núcleo de uma fenomenologia íntima que Bachelard alça como possibilidade de agenciamento analítico para a perscrutação do expressar-se da existência situada:

Para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. [...] Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor insular de todas as nossas imagens de intimidade protegida? eis o problema central. (Bachelard, 2008, p. 23)

As imagens são representações de vontade, desejo, emoções e sensações. E são nessas imagens que Bachelard (2008, p. 205) busca (e, muitas das vezes, encontra) traços e sinais do significado do existir: “Vamos então nos dedicar ao poder de atração de todas as regiões de intimidade. Não há intimidade verdadeira que afaste”. As singularizações de tais traços e sinalizações são representadas nas metáforas ônticas do arcabouço ontológico imageado na intimidade, interioridade, (in)consciente e o corpo-pensamento: “Nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia. É no sentido dessa valorização que devemos estudar os abrigos e os aposentos” (Bachelard, 2008, p. 205).

Em outras palavras, é o próprio sujeito que se especializa, como existência no meio ao seu redor, como estares do seu ser-no-mundo: “A escrita é uma forma de espacialização do sujeito, que tem a necessidade de se ex-primir, de se projetar no espaço: o da página e o da paisagem.” (Collot; Alves, 2012, p. 28), de uma maneira que a espacialidade – o *aí* como situação do habitar – constitui a fundação e o sentido do estar-no-mundo, elevando-se geopoeticamente:

O questionamento da soberania do Sujeito cartesiano, capaz de se conhecer pelo ato da reflexão, mestre de si como do universo, leva, por exemplo, na fenomenologia, a uma redefinição da consciência como «ser no mundo», e desde aí, a «res cogitans» não mais se opõe à «res extensa» como uma pura interioridade a um exterior indiferente: ela se espacializa tanto quanto se temporaliza. A promoção do espaço na poesia e na narrativa contemporâneas não significa portanto uma desumanização ou um objetivismo radical. Ela pode estar ao serviço de uma redefinição do sujeito lírico ou do personagem, tornados inseparáveis da paisagem que os envolve. (Collot; Alves, 2012, p. 28)

Portanto, seja pelos autores da geografia cultural, humanística e fenomenológica, seja pelos filósofos que se aproximam teórica e empiricamente de Bachelard, ocorre uma inclinação consensual: a forma de expressão onto-ontológica da literatura é, se não a melhor, uma das mais vívidas formas de captação do sentido da existência. É nesses termos que propomos a ponte entre Maria Luísa Ribeiro, seus poros, a intimidade geográfica e as chaves de (topo)análise pelos quatro elementos de Gaston Bachelard. Temos, então, nos dizeres de Blanchot (1987), o favorecimento da literatura como rico campo de exploração dessas sinalizações do devir existencial de nossos estares mais íntimos e permeados por um sem-número de camadas:

É por isso que a obra somente é obra quando ela se converte na intimidade aberta de alguém que a escreveu e de alguém que a leu, o espaço violentamente desvendado pela contestação mútua do poder de dizer e do poder de ouvir. E aquele que escreve é igualmente aquele que “ouviu” o interminável e o incessante, que o ouviu como fala, ingressou no seu entendimento, manteve-se na sua exigência, perdeu-se nela e, entretanto, por tê-la sustentado corretamente, fê-la cessar, tornou-a compreensível nessa intermitência, proferiu-a relacionando-a firmemente com esse limite, dominou-a ao medi-la. (Blanchot, 1987, p. 29)

Há, de certa maneira, proximidades com o *homo poeta* nietzschiano, que, embora problematize a intimidade sob outros termos, compartilha pressupostos convergentes com as teorizações de Bachelard – especialmente no que se refere ao papel da prosa e do verso na expressividade do (des)velar-se do ser. Nesse sentido, e ao encontro do que é posto por Blanchot (1987), Gmeiner (1998, p. 29) escreve: “O poema – a literatura – parece vinculado a uma fala que não pode interromper-se porque ela não fala, ela é”.

Bosi (1977) e Brandão (2013) somam-se a Gmeiner (1998), convergindo para o ponto em que as reflexões de Coutinho sobre o “lugar de todos os lugares” – o íntimo de minha pulsão onto-ontológica – revelam o ser-no-mundo em seus diversos estares como um devir irrefreável:

Não resta dúvida que unicamente a arte literária teria condições para me favorecer nesse ponto de minha obra; nenhuma outra arte, se porventura eu possuísse os meios exigíveis, me concederia a flexibilidade, a ductilidade com que a literatura, por estear-se na imaginária interna, comunica, ao menos por aproximação, o que o autor pretende desnudar sobre uma intuição de tipo imanente, à maneira desta que envolve a aglutinação do existenciador e do objeto de existência. (Coutinho, 1976, p. 183)

Com base nessas proposições dos autores sobre o papel da linguagem da palavra como expressão primal do devir onto-ontológica existência, podemos (re)afirmar a escolha analítica do presente estudo.

Cotidiano, construção poética e ser-no-mundo, atravessados pelos estados do corpo e da consciência, são temáticas recorrentes e estruturantes na obra de Maria Luísa Ribeiro, como se observa no poema-título *Mergulho nos Poros*.

Cotidiano, mundo da vida, intimidade, corpo, inspiração e criação poética, imagens dos pensamentos das paisagens são representadas nas poesias da autora, como em *Texto Sentido, Revoada, Podres Constatações e Confidente*. A presença (geo)poética na composição de traçados íntimos da geografia do corpo, consciência, do mundo e o outro são apresentados em sua obra, e passíveis de serem colocados em diálogo com a metapoética de Gaston Bachelard pelos quatro elementos.

A poética do lume, cálido e ígneo

O fogo, a chama, o quente e o aquecimento são metáforas de maior acessibilidade psicanalítica, pelo fato de, como fenomenicidade, expressarem-se como pulsões de desejos e sensações de forma mais evidente. Talvez, por essa razão, Gaston Bachelard demonstre em sua *Psicanálise do Fogo* um aprofundamento mais restrito e menos expansivo do ponto de vista teórico a respeito do fogo em sua vertente psicanalítica.

A figuração do fogo também envolve outros elementos simbólicos e semióforos como poder, destruição, criação, conforto e desafio do galgar outros patamares de existência. Nesse último caso, Prometeu e Ícaro talvez sejam os melhores símbolos, ou seja, desafiando ou almejando o sol e o fogo, símbolos máximos do poderio divino dos antigos gregos. De forma sintética, Bachelard (1972) trabalha com as faces do fogo em sua universalidade, versatilidade e símbolo perene das sociedades humanas:

O fogo e o calor fornecem meios de explicação nos mais diversos campos, pois facultam-nos o ensejo de recordar coisas imorredouras, experiências pessoais simples e decisivas. O fogo é, portanto, um fenômeno privilegiado que pode explicar tudo. Se aquilo que se modifica lentamente se explica através da vida, o que se modifica depressa é explicado pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive no nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e oferece-se como o amor. Volta a tornar-se matéria e oculta-se, latente, contido, como o ódio e a vingança. Entre todos os fenômenos, é ele o único que pode aceitar as duas valorações opostas: o bem e o mal. Brilha no Paraíso. Arde no Inferno. É doçura e tortura. É cozinha e apocalipse. É prazer para a criança que se senta com juízo à lareira; no entanto, castiga qualquer desobediência de quem pretende brincar demasiado perto das chamas. É bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se: é, portanto, um dos princípios de explicação universal. (Bachelard, 1972, p. 21)

O fogo, dentre os quatro elementos, é um dos que mais se expressa e é agenciado socialmente, miticamente, economicamente e politicamente. A potência do fogo vai do corpo, desejo e vontade às representações de criação e destruição presentes em diferentes formas de expressão teognônicas. Segundo Bachelard (1972, p. 27), “[...] nunca é de mais observar que o fogo representa mais um *ser social* do que um *ser natural*”.

Essa junção entre social e natural, corpo e papel social, são e estão amplamente presentes na obra de Maria Luísa Ribeiro. A autora agencia tais interfaces do fogo e suas modulações simbólicas: do sol às sensações, das vontades às emanações do calor interior e a luz a pino. Em seu poema *A Palma da Fogueira*, tais elementos são utilizados na expressão poética da autora:

A Palma da Fogueira

*O definir o amor no corpo da palavra
e a noite que se fez nos vãos dos pelos,
revejo o teu brincar nos meus cabelos
e aquele teu dormir no meu abraço.*

*Teus, toques, boca, frêmitos e beijos
o monte verde-azul no claro dos teus olhos,
as pedras na essência destas letras.*

*O sol se entregando, o pico da pirâmide,
as dobras do penhasco, o rumo da cachoeira...*

*“que venha o amanhã” selando o nosso abraço
e o amor abrindo espaço na Palma da fogueira.*

(Ribeiro, 2013, p. 72)

Novamente, observamos na poesia da autora a presença dos elementos do corpo, cotidiano, da criação e inspiração poética, e a força do elemento-motriz em questão, pela luz, calor e o desejo tegumentar. O ultravivo do fogo recria e sintetiza o primeiro sopro dialético de uma devir, em cada aurora ou arrebol, passando pelo sentir perceptivo e emotivo do corpo e espírito que habitam e fundam o mundo.

Algumas dessas representações também ocorrem em outros poemas de sua obra, como *Feito Lumes* e *No Corpo das Fornalhas*, dialogando com muitas das simbologias íntimas da geograficidade do corpo e casa, consciência e desejo pelo cálido e ígneo imageado em diferentes expressões de sua poesia.

A água e a metaforma

A água é trabalhada por Bachelard (2002) como um elemento entre-coisas ou entre-outros-elementos. Noutras palavras, é pela água, com e por meio dela, que muitos elementos encontram sua associação, potencialização, encerramento ou, principalmente, transformação. Entre a terra e a água, a pedra se desfaz, o solo em círculo se prepara para a primavera por vir, o calor da chama cessa sua destruição-construtiva e o ar se entrelaça ao seu vetor primeiro para se mostrar movimento, devir:

Por vezes é nos mais insignificantes e químicos exemplos que podemos aprender com mais clareza as lições filosóficas. Sonhar o orvalho como germe e semente é participar do fundo do ser no devir do mundo. Então fica-se certo de viver o ser-no-mundo, porquanto se é o ser-tornando-se-o-devir-do-mundo. O alquimista vem ajudar

o mundo a devir, vem concluir o mundo. É um *operador* do devir do mundo. não só colhe o orvalho, mas também o escolhe. Necessita do “orvalho de maio”. E esse orvalho de maio, o universo não o entrega ainda suficientemente puro. Então o sonhador paradoxalmente o concentra para exaltá-lo, destila-o e cooba-o para que ele rejeite o que lhe resta de supérfluo, para que se torne germe puro, puramente germinativo, força absoluta. (Bachelard, 2013, p. 258, grifo do autor)

Em síntese, fenomenologicamente, a água se apresenta em constante metamorfose. Gaseifica-se, proporcionando-se como um dos mais visíveis e significativos vetores do manifestar-se do ar – seja em névoa, tempestade ou vapor: sinais aquáticos do mover-se. Liquefaz-se, associando-se primordialmente à totalidade ôntica do ser, fortalecendo-o ou reconfigurando-o, como no elemento telúrico, ou mesmo negando-o, como no ígneo, cálido ou ardente chama. Transmuta-se em sólido – cristal, lâmina, massa ou pó –, engendrando cenários e composições paisagísticas das mais diversas: imageadas, cantadas, vividas ou experienciadas.

Este consistirá em provar que as vozes da água não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam pássaros e os homens a cantar, falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (Bachelard, 2002, p. 17)

É papel da água prover a vida, torná-la possível, guardar o fluido como materialização da contensão do desejo em pulsão máxima. O vivido – nos ambientes frígeos, cálidos, desérticos ou os mais improváveis já existentes – resiste, guarda a água, em escassez ou abundância, permite-se continuar sua existência pelo elemento fundamental de seu ser:

A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. Noutras palavras, os poetas distraídos vivem como uma água anual, como uma água que vai da primavera ao inverno e que reflete, passivamente, levemente, todas as estações do ano. (Bachelard, 2002, p. 12)

Assim como no poema *Correnteza*, Maria Luísa Ribeiro, em *Sob a Pele das Águas*, mergulha em si, no mundo e no outro. No interior do corpo, reencontra o elemento da vida – aquele que preenche (in)certezas, marca o movimento natural e meneia a intimidade do “si” que nos significa e habita.

Sob a Pele das Águas

*Por baixo do casco do meu peito
existe um rasgo do tamanho
de uma dúvida.*

*Quando andava
com um pedaço do coração
pregado em cada parte,
eu era um oceano de certezas.*

*Nadava sobre a pele das águas
Onde tudo o que se enxerga
Se parece com verdade.*

*Mas a ousadia do mergulho
nem parece com verdade.*

*Quando o voo não é mais rasante,
o riso de alma já é uma saudade,
é possível ver-se
pelo avesso.*

(Ribeiro, 2013, p. 32)

Outras representações da geografia íntima das águas também são visíveis em poemas como *Arquipélago de Sombras*, no qual a autora faz a junção entre água, terra e o cultivo da *poeisis* de si. O fato de o poema-título também fazer menção à água e ao corpo, pelo mergulho nos poros, fornece-nos pistas da metamorfose primordial e do corpo em seu estares no mundo, nos descaminhos da (in)consciência e pelo outro.

O ar e as membranas do intangível

O livro *O ar e os sonhos – ensaios sobre a imaginação do movimento* (1990b) se mostra o mais desafiador de Gaston Bachelard. Se o pensarmos de forma mais profunda e conectiva com os demais elementos trabalhados pelo autor, podemos observar a água como metamorfose pura, a terra/rocha/grão/pó como associação por excelência com todos os outros, e o fogo como o ponto da criação e destruição em uma psicanálise mais evidente em fenomenicidade. Já o ar nos desafia em um grau maior de (des)velamento do seu ser, por ser vetorial, no sentido de que sempre o captamos no indireto, por outra coisa ou fenômeno, e o que é abstrato dependendo da corrente psicanalítica não recebe tanta atenção, talvez pelo fato de o ar representar o movimento interno puro do desejo e sonhos, que transcende o corpo e materialidade.

É nesse sentido desafiador do ser do ar que Bachelard (1990b, p. 236) reflete: “Todas as fases do vento têm sua psicologia. O vento se excita e desanima”. O sopro e o vento, o suspiro e o brado, são preenchidos pela expressividade das sensações e estado das emoções. Tanto o corpo quanto a casa são perpassados por essas imagens do ar, e tais simbolismos são encontrados nos poemas *Janelas, Retorno e No Quintal da Lua*, de Maria Luísa Ribeiro.

Enquanto um dos elementos mais desafiadores à fenomenologia, à imaginação e à topoanálise, o ar apresenta êmulos simbólicos em relação à água, embora se diferencie desta pelo caráter metamórfico mais acentuado. Por essa razão, para chegarmos à apreensão de seus significados, a representação do ar normalmente necessita do vetor e do movimento aéreo para que consigamos tornar sua experiência mais palatável:

Para os antigos, o ar era sempre o vento. Na experiência comum, se o ar é imóvel, ele perde de alguma forma sua existência. O vento é sempre uma força de união. É por isso que os movimentos desordenados da poeira em um raio de sol não são postos na conta do vento. [...]. O ar imóvel, é então o vazio intuitivo. Não há ação alguma, não é o sinal de nada, a causa evidente de nada. (Bachelard, 1990b, p. 39)

O filósofo francês continua o aspecto vetorial, onírico e de complexa apreensão das expressões simbólicas do ar pela poesia e imagens: “Haveria, assim aqueles que vêem no céu um líquido fluente e animam-se com qualquer nuvem, os que veem o céu como uma chama abóbada pintada e consolidada e finalmente, os que realmente participam de sua natureza aérea” (Bachelard, 1990b, p. 157). Como uma das possíveis representações do ar na intimidade do si e do ser, Maria Luísa Ribeiro o direciona ao interior da alma, ao sonho e à poesia. Assim, expressa-o pela criatividade, ora como sopro e suspiro, ora como intempéries do desejo, da criação e da vontade:

Confidente

*O poema foi um amante ousado
com quem troquei as minhas
primeiras confidências.*

*Seduzida pelo ardor
com que ele me pegava,
entreguei-me.*

*Sensível ao e pelo poema
compreendi que a alma do coração
mora nos olhos
e na verdade de cada olhar*

*Um dia encontrei alguém sem alma
que derrubou a casa de poesia
e encarcerou-me.*

*Mas o poema no estio do tempo
reinventou nosso leito na chuva
e veio, no lombo das penas,
buscar-me para novas confidências.*

(Ribeiro, 2013, p. 33)

Em *Silhueta dos Dédalos*, Maria Luísa Ribeiro vai ao encontro da associação do ar com os demais elementos para sua expressão fenomenológica eclodir simbolicamente. É também pelo e no movimento do ar que autora mais expressa sua condição poética, de arauto do ser pela linguagem, nos braços de um sopro ou na intemperança das mais fortes ventanias.

A urdidura terrestre do ser

Bachelard explora amplamente a fenomenologia imaginária da terra em duas obras: *A terra e os devaneios da vontade* e (1991) e *A terra e os devaneios do repouso* (2001). Em sua proposta de uma metapoética baseada nos quatro elementos, Bachelard perscruta os processos de construção, criação, desejo e vontade na poética. É preciso também destacar os ensaios *A Poética do Espaço* (Bachelard, 2008) e *A Poética do Devaneio* (Bachelard, 1988), nos quais o autor já havia direcionado o olhar para a espacialidade, a corporeidade e as formas de expressão material e telúrica da fenomenologia poética da imaginação, com o intuito de problematizar o devir da existência em suas múltiplas significações.

Terra, rocha, lama, pó e a areia são colocados em primeiro plano para diferentes proposições analíticas. Questões a respeito da identidade, da paisagem, dos lugares e (des)territorializações são enunciados nesse processo. O corpo e o território se fundem em *situ*-ação, acumulam camadas de memória, imagens e paisagens – tornamo-nos a materialização da vivência-lugar em consciência e corpo.

Na espacialidade, o ser se espraia em seu manifestar onto-ontológico. Especialmente no que diz respeito ao ser-em-no-mundo, ou seja, os estares do existir em suas significações, a dimensão espacial permite uma visualização dessas projeções onto-ontológicas. A terra e por ela: “Os objetos da terra nos devolvem o eco de nossa promessa de energia. O trabalho da matéria, assim que lhe devolvemos todo o seu onirismo, desperta em nós um narcisismo de nossa coragem” (Bachelard, 2001, p. 6-7).

Os outros elementos podem ser *hostis*, mas não são *sempre hostis*. Para conhecê-los inteiramente, é preciso sonhá-los numa ambivalência de brandura e de malignidade. A resistência da matéria terrestre, pelo contrário, é imediata e constante. É de imediato o parceiro objetivo e franco de nossa vontade. Nada mais claro, para classificar as vontades, do que as matérias trabalhadas pela mão do homem. Tentamos portanto caracterizar, no limiar de nosso estudo, o *mundo resistente*. (Bachelard, 2001, p. 8)

A terra, assim como o fogo, carrega o simbolismo da criação e das imagens da existência em materialidade dos seus modos de ser. Essa correlação do criado vai ao encontro do lugar, do território, das paisagens-memórias para as quais desejamos voltar ou nas quais sonhamos ficar e construir. O íntimo da terra é habitado por uma espacialidade na qual a identidade, o imaterial do desejo e da emoção, a empiricidade da vida em sua prática e vivência cotidiana são abrigados nas significações efêmeras de um existir infinitamente inapreensível, a cada nova forma ou momento preenchido de sentido.

Formar imagens verdadeiramente mútuas nas quais se intercambiem os valores imaginários da terra e do céu, as luzes do diamante e da estrela, aí está realmente, como anunciamos, um procedimento que segue caminho inverso ao do processo de conceitualização. O conceito caminha passo a passo, unindo formas prudentemente vazias. A imaginação transpõe extraordinárias diferenças. Unindo a pedra preciosa à estrela, ela prepara “as correspondências” daquilo que tocamos e daquilo que vemos, e assim o sonhador leva as mãos aos magotes de estrelas para acariciar-lhes as pedrarias. Contemplando cavouqueiros ao trabalho, um Mallarmé exclama (*Divagations. Conflit.*, p. 53): “Que pedraria, o céu fluido.” Quatro planos de sonho estão reunidos nessas cinco palavras: a pedra, o céu, a imobilidade e a fluidez. Um lógico pode encontrar aí motivo de censura, um poeta só precisa admirar. (Bachelard, 2001, p. 230)

A terra é casa, mas também terreno, lugar e território, projeção imagética dos modos de vida pelas paisagens. O telúrico é o corpo que habita o mundo, contendo em sua materialidade o imensurável imaterial e das dimensões simbólicas. A (geo)estética da terra se mostra como fenômeno em tais modulações representativas da poesia de Maria Luísa Ribeiro, mas também como o elemento mais associativo dentre os quatro trabalhados por Bachelard, como ocorrido, por exemplo, com a água. Na poesia *Valas*, a autora expressa algumas dessas representações (geo)poéticas:

Valas

*Na sala de estar
Sentamos o silêncio e eu
E conversamos sobre mortes.*

*Uma imagem estática
de um quadro na parede,
uma estante
suportando quinquilharias.*

*Uma janela semi-aberta
permitindo o eco da rua
e tudo que se foi
nas águas das enchentes.*

*Cúmplices,
o silêncio e eu
olhamos para o piso,
removemos cacos
e encontramos valas,
apenas*

*Desconcertados
voltamos à superfície.
Demo-nos as mãos,
o silêncio e eu,
buscando um jeito de
de enterrar
os nossos mortos*

(Ribeiro, 2013, p. 25)

Em outros poemas – como *Refúgio*, *Trajetória*, *Bebedouros de Plástico* e *Na Ferida da Rocha* – a terra como imagem e imaginação geopoética e fenomenológica ocorre como corpo e como espacialidade. O lugar e a paisagem, a identidade em presença ou ausência, são alguns dos elementos presentes em diferentes poemas da autora, sugeridos em representações geopoéticas do corpo-paisagem e identidade em seu lugar ou fronteira territorial.

A expressão da terra mais encontrada no texto de Maria Luísa Ribeiro ocorre em um multiobjeto específico que é a casa, amplamente explorado na topoanálise bachelardiana. Ninho, caserna, porão, sótão, quartos e cozinha são ambientes que formam uma ideia, expressividade primeira do ser em busca do seu reduto existencial na imagética caseira. No poema *Bebedouros de Plástico* há uma menção ao corpo como a *casa* primordial que nos recebe em habitação:

*Aprendi a habitar um lugar de mim
onde tudo o mais são coisas
que me circundam,
e não me acodem em nada*

(Ribeiro, 2013, p. 24)

E é por meio de terra, chão, corpo e casa que a autora entrelaça sua geografia íntima pelos quatro elementos. Aqui, a consideração de Coutinho (1976) sobre a habitação em todos os lugares pelos estares do ser se eleva ao seu grau máximo ôntico-ontológico e geopolítico. No poema *Espólio* há uma das mais belas e figurativas representações dos elementos pelo corpo, alma, a imagem da casa em suas alas e cômodos em extensão e emanação poética pelas significações de si:

Espólio

*Caminho no vale da penumbra
onde cinco das sete velas se apagaram.*

*No princípio era neve
mas nunca tive talento em trenós.
Mastigando picumãs
cozinhei o galo do quintal
que à meia noite cantava.*

*Debruçada no portão da minha hora
entreguei-me a uma fileira de novenas,
despi de alcunhas e apelidos
e todas as alegorias literárias.*

*Meu destino é o ribeiro:
sobre a pedra deixarei
a mala que carrego
e na margem a minha verdade
sob marcas de cimento*

*As minhas saias no varal das reticências
ficarão no tempo esperando Ana Beatriz,
que desconfiô, saberá usá-las
com todas as nódoas de suor e vinho.*

*Rebatizada nas águas desta lágrima,
a menina voará lonjuras
no risco do meu sangue.
E nesse avião de papel,
herdados das profundezas da minha alma,
buscará estrelas para acender
a Casa de Poesia.*

(Ribeiro, 2013, p. 73)

Há uma paráfrase simbólica entre esse poema da autora com o escrito de Conceição Gmeiner (1998), intitulado *Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Não apenas nesse poema específico, mas ao longo de toda a sua obra *Mergulho nos Poros* há diferentes expressões do papel da poesia e da expressão literária como forma de emanação do sentido de ser e dos devires do existir pelo cotidiano, entre sensações, percepções e emoções.

Considerações Finais

Mais do que manifestar representações poéticas, a autora nos oferece uma amostra de sua relação com a arte poética, a palavra e os enunciados presentes em seus versos. Em sua obra, reconhece-se o que Gmeiner (1998) teoriza a partir das reflexões de Martin Heidegger e Gaston Bachelard: a palavra em movimento pela linguagem como expressão primeira do ser, ontológica e onticamente – nós, o ser-que-é-no-mundo em infinitos estares.

Nessas paragens da intimidade geopoética e topoanalítica nos deparamos com sonhos, desejos e pulsões, em um efeito semelhante ao produzido pelas palavras de Maria Luísa Ribeiro em seus escritos, em prosa ou verso. Em *Mergulho nos Poros* há profundas aberturas de partilha de experiências, sensações e emoções e fechamentos do interior, em seus estares do ser-no-mundo.

O percurso pelos quatro elementos da fenomenologia do imaginário de Bachelard contribuem como guia, no percurso geopoético proposto. Nesse mostrar-se do e de ser nas expressões e pulsões dessas profundezas do íntimo do eu, evidencia-se sua relação com o outro e o mundo, em múltiplos estares gestados e eclodidos no cotidiano, em nossa relação proximal com tudo o que está ao redor.

Referências

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Topologia do ser e o lugar no pensamento geográfico ontologia fenomenológica, facticidade e existência. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, p. 41-62, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/2244>. Acesso em: 30 maio 2025.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Maria Isabel Braga. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1972.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos** – ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso** – ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos** – ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade** – ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade** – ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Batalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1977.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COLLOT, Michel; ALVES, Ida. Por uma Geografia Literária. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, n. 33, p. 17-31, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006/18993>. Acesso em: 14 set. 2021.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GMEINER, Conceição Neves. **Morada do Ser**: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger. Santos: Leopoldianum, 1998.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopolítica. In: GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p. 165-190.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, p. 487-508, 2009.

RIBEIRO, Maria Luísa. **Mergulho nos poros**. Goiânia: Movimento Editora, 2013.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da; CARRETO, Carlos Fonseca Clamote. O espaço é a flor azul do imaginário: Gaston Bachelard e Walter Benjamin em Paris? a descoberta de uma paisagem literária. **CONFINS**, v. 46, p. 1, 2020. <https://doi.org/10.4000/confins.30787>.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.